

ARTIGOS

ADAPTAÇÃO DE MITOS INDÍGENAS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Renate Brigitte Viertler

(Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo)

INTRODUÇÃO

Qual é o sentido de se adaptarem mitos de indígenas brasileiros em publicações destinadas às crianças de nossa sociedade? Tais publicações são bastante difundidas principalmente nas bibliotecas das escolas públicas, onde, por vezes, constituem leitura prescrita para os alunos das primeiras séries do 1º grau.

Qual é o proveito efetivo que delas tiram as nossas crianças? Ao que tudo indica ¹, é mínimo e por vezes até nulo como poderemos demonstrar no transcurso de nossas considerações. Estas baseiam-se em reflexões puramente antropológicas, deixando de lado uma série de complexos problemas de ordem psicológica e pedagógica obviamente relacionadas ao tema.

De início, a título de ilustração, comentemos alguns aspectos da adaptação de uma lenda dos índios Borôro de Mato Grosso destinada ao nosso público infantil. Trata-se do pequeno volume "A Origem das Estrelas. Lenda Borôro". Adaptação de Maria Thereza Cunha de Giacomo. Ilustrações de Heinz Budweg, Coleção "Lendas Brasileiras", nº 8; São Paulo, Melhoramentos; Brasília, INL, 1974.

O TEXTO MÍTICO

Segundo os próprios índios, o mito se intitula "A Subida dos Moços". A versão original do mito, que é a seguinte ²:

- A 1) /a/ *As mulheres caminhavam sempre para o milho, mas nada traziam quando regressavam. Diziam: "Mais um pouco". Iam inutilmente.*
- 2) *Seus filhos esperavam atrás delas.*
- 3) /b/ *Um deles teve suspeitas e correu atrás delas, pois elas iam para o milho. Foi atrás delas, segurando sua flechinha e seu arcozinho. Escutou o som da mão-de-pilão das mulheres, a sua alegria, a sua risada e foi rapidamente atrás delas.*

- 4) Quando as mulheres o viram, disseram: “E! (interjeição geralmente usada em sentido agressivo) Chegou seu filho pequeno.” Assim falaram a uma companheira.
/d/ Disseram: “Vem aqui para receber teu milho assado, teu bolo de milho e tua bebida de milho”.
- 5) *Fizeram-no comer e beber muito.*
Ele falou para si: “E! então as coisas estão assim. Mas vós dizíeis que não havia milho.”
- B 1) */c/ O menino foi caçar lagartixas (das que vivem no milharal), lagartixas cabeças-de-pau lá no meio do milho e colocou sementes de milho bem dentro de todas as suas flechinhas.*
- C 1) As mulheres estavam para ir-se e por isso aconselharam muito aquele menino pequeno a não contar que ele tinha ido junto com elas para o milho.
2) E ele falou que sim.
3) E as mulheres voltaram novamente sem trazer milho para seus filhos para a aldeia, falando: “É inútil! Não há milho! Esperai um pouco”.
- D 1) As mulheres foram novamente, mas aquele menino não queria ir novamente com sua mãe e as mulheres.
2) Colocou logo piçarra vermelha dentro de sua boca.
3) Sua mãe queria mesmo que ele fosse, brigou com ele para ir.
4) Então ele cuspiu e, como na saliva tivesse sangue, as mulheres falaram: “Afasta-te dele, não o faças ir, tiraste sangue da sua boca”.
5) Por isso a mãe tirou a mão dele e as mulheres foram ao milho.
- E 1) */e/ Então aquele menino pequeno ficou contente novamente e falou: “Amigos, vinde aqui para saberdes que não falta milho; as mulheres não trazem o milho para nós, elas comem muito milho.”*
2) E tirou as sementes de milho das suas flechinhas.
- F 1) Bateram-no com a mão-de-pilão para preparar o seu alimento — mingau e canjica.
2) Depois assentaram-se para fiar um cordel muito comprido.
3) *Comeram toda a canjica.*
- G 1) Falaram entre si que iriam para o céu. Falaram com as aves de vôo forte, que não tinham a habilidade de levar o cordel para o céu.
2) *Chamaram o beija-flor. Este chegou e pediram que subisse ao céu com o cordel e que o amarrasse fortemente ao pé de um cerne.*
3) Ele subiu ao céu com o cordel e voltou muito tonto. Eles o abanaram.

- 4) Quando começou a reanimar-se, eles lhes perguntaram: “Chegaste ao céu como ele? Amarraste-o fortemente?” — “Sim, amarrei-o levemente ao redor do velho cerne de sucupira”.
- H 1) *Cortaram a língua da avó e a do papagaio e subiram ao céu.*
 2) Os que tinham irmãos menores levaram-nos em suas costas até o céu.
 3) Quando chegaram ao centro do céu, *as suas mães chegaram.*
- I 1) Não havia o grito de seus filhos. Roram rapidamente à aldeia, mas os Borôro não estavam.
 2) Foram ter com a avó, perguntaram-lhe, mas nem ela nem o papagaio falavam.
 3) A avó dos moços piscava assim para o céu.
- J 1) Então as mulheres, suspeitando, olharam para o céu, *então viram a ação dos seus filhos subindo ao céu.*
 2) As mulheres agitavam seu peito no rosto de seus filhos, mas *os meninos não regressaram.*
 3) Os irmãos maiores se colocaram por último atrás dos seus irmãos menores até... e os moços pularam no céu antes, abandonando o caminho de suas mães (o cordel).
 4) I *E quando as mulheres se aproximaram dos seus filhos, então um irmão maior pulou no céu, afastando-se do caminho delas;*
 II *cortou o princípio do cordel e as mulheres caíram do céu para a terra, transformando-se aquelas que caíram sentadas em antas, queixadas, caitetus, pacas, cutias, capivaras, e aquelas que caíram nas pontas das árvores em macacos, bugios, quatis, ouriços, tamanduás-mirins, macacos brancos, iraras, tamanduás-bandeira.*
 III *O cipó pelo qual subiram os moços se chamou de cipó-escada.*
 IV *Aquelas que caíram com sua faixa íntima retirada na frente viraram animais com cauda, aquelas cuja faixa não saiu viraram animais sem cauda.*
- K 1) Por isso, o rosto dos filhos dos Borôro teve beleza lá do céu para a terra.
 2) *Por isso estas estrelas foram eles.*

COMENTÁRIOS

Na versão adaptada, o início da lenda é arbitrário e não existe no texto original:

“Os índios caçavam, pescavam e guerreavam, mas na taba nada faziam. Dormiam apenas, deitados em redes. Só as mulheres trabalhavam”. (Págs. 2-3).

Note-se aí o estereótipo do índio indolente — só a mulher trabalha, o homem não faz nada na aldeia. Além disso, os Borôro não dormem em redes, mas em catres forrados com peles de animais ou esteiras.

“E certa tarde ensolarada, tendo acabado a provisão de grãos nos cestos, as mulheres saíram pela mata. Iam em busca de milho. Mas anoiteceu sem que encontrassem mais que umas mirradas espigas”. (pág. 24).

As mulheres costumam ir às roças no período da manhã, não à tarde e muito menos à noitinha. Transparece também a idéia da falta de planejamento das atividades econômicas motivando a ida das mulheres. Na verdade parece tratar-se antes de uma primeira colheita do milho subordinada ao controle dos espíritos. Estes exigem que seja feita uma cerimônia com as primeiras espigas de milho da estação para que esse possa ser consumido livremente pelos habitantes das aldeias Borôro. (Cf. outros mitos dos Borôro, tais como o de Burekoibo, o da Subida de Meri etc).

“No dia seguinte resolveram: ‘Vamos levar um curumim conosco. ‘As crianças costumam dar sorte. ‘O garotinho-curumim, como chamam os índios — parecia adivinhar as coisas: andou firme, sem mudar de direção, e, numa clareira da mata, lá estava um milharal viçoso: ‘Que alegria para as índias”. (Págs. 6-7).

Em primeiro lugar, “curumim” é expressão amazônica e não Borôro. Além disso, a idéia de um “menino-talismã” não é dos Borôro, mas de quem fez a adaptação. No mito dos índios, a iniciativa da ação não parte das mulheres, mas do próprio menino, como se pode notar em A 3) /b/. O menino vai atrás das mulheres, a fim de investigar o que estas faziam antes de voltar de mãos vazias para junto de seus filhos..

“Puseram-se a colher espigas e mais espigas. O curumim também encheu com elas o seu cestinho.” (Pág. 9.).

O menino vai ao milharal empunhando as suas pequenas armas, como sempre o fazem os jovens de sexo masculino, já que os segredos da caça e da pesca, simbolizados pelos arcos e flechas, são estritamente vedados às mulheres. Portanto, o menino não usa cestinhos, mas flechinhas para esconder as sementes de milho que colhe sorrateiramente para levá-las à aldeia. (vide B 1) /c/)

“E, sorrateiramente, voltou correndo à sua taba, sem que as índias percebessem sua fuga”. (Pág. 9.).

No texto original, o menino se nega a voltar a procurar milho com as mulheres, usando do artifício da piçarra na boca, detalhe omitido na adaptação.

“Vovó, pediu ele ao chegar à taba, ‘cozinhe um bolo para mim’. A avó moeu o milho, fez a massa e cozinhou um bolo bem gostoso.” (Pág. 9.).

Na verdade, ocorrem duas refeições: uma, quando o alimento do menino é preparado pelo grupo de mulheres que tinha ido colher o milho — (vide A 4) /d/) e não por uma única avó; outra, quando o alimento é preparado pelo próprio grupo de meninos (vide F 1)), diferença esta que não transparece na adaptação.

“‘Venham comer comigo:’ gritou o curumim para os outros meninos. O bolo mal deu para tantos guris. Sumiu num instante”. (Pág. 10.).
‘E agora?’ perguntou um curumim. ‘Nossas mães não vão gostar de nossa gulodice.’ ” (Pág. 11.).

São as mães as sovinas e gulosas, não os meninos (vide E 1) /e/). O menino convida os seus companheiros para uma refeição comunal de canjica de milho, o que não pode ser confundido com “gula”.

“‘E a avó vai contar tudo’, respondeu outro. ‘Vamos escondê-la na caverna, lá longe: ‘aconselhou outro. ‘E com ela o papagaio, pois também é linguarudo. ‘E assim fizeram os meninos.’ ” (Pág. 11.).

Não há alusão a cavernas no texto original. Os meninos cortaram a língua da avó e a do papagaio, detalhe omitido obviamente por causa da “selvageria” que nele se reflete. As ações relacionadas com a avó e o papagaio vêm após a chamada do colibri, arbitrária inversão de acontecimentos no texto adaptado:

“Mas o medo não passou. As mães dariam pela falta da avó e procurariam o papagaio alegre e falador.”

‘Colibri, colibri’. ‘gritaram os curumins, ‘amarre este cipó bem alto, no céu.’ ” (Págs. 11-13.).

“O colibri, assustado, que sabia das artes dos meninos, não os quis contrariar. E prendeu no céu o cipó.” (Pág. 13.).

O medo dos meninos e o do beija-flor é uma introdução arbitrária. Além disso, há, para os Borôro, uma associação entre o beija-flor e as atividades xamanísticas dos médicos-feiticeiros, os “baire”, intermediários entre os homens e espíritos que moram no céu, de modo que é absolutamente errônea a idéia de que o colibri pudesse assustar-se com as “artes dos meninos”. Pelo contrário, os meninos, quando são iniciados pelos homens mais velhos, devem realizar proezas físicas e mentais importantes para poderem equiparar-se ao beija-flor, o único que conseguiu prender o cordel no céu. Aliás, o cordel substituído por um cipó no texto adaptado, é elemento muito importante, já que foi feito pelos próprios, meninos, a fim de por ele subirem para o céu. A subida representa o início das relações entre os jovens e os espíritos que habitam o céu. O contexto, que implica problemas da vida

ritual e religiosa dos Borôro, não permite a exclusão de certos pormenores, nem inversões de seqüência, como no caso da façanha do colibri e do corte da língua dos que falam.

“Quando as índias voltaram, ficaram apavoradas. Pendurados no cipó, os curumins subiam todos para o céu. ‘Desçam daí’, gritaram elas. Mas em vão. ‘Vamos subir atrás deles; só assim os teremos de volta’, resolveram as mães aflitas. Que curumins tolos e sem juízo. Cada vez mais assustados, cortaram o cipó abaixo deles. As mães não tinham subido muito. O tombo não as machucou”. (Págs. 14-17).

As três últimas frases não existem no texto original. Os meninos não são tolos, mas, ao contrário, muito espertos, pois, no mundo Borôro, para se tornarem homens, devem eles cortar os vínculos com as casas de suas mães, passando a viver na casa-dos-homens, espacialmente segregada das choupanas ocupadas pelas mulheres. O corte dos vínculos entre mães e filhos homens é dramaticamente expresso pelas cerimônias de iniciação pubertária, associada à utilização cerimonial de cordéis (nos cintos masculinos, nos zunidores, nas linhas de pescar, nos enfeites de penas masculinos, sempre amarrados como o são os estojos penianos).

As mães, ao caírem, transformam-se em “animais de carne”, isto é, morrem, pois, para os Borôro, as almas dos defuntos se encarnam temporariamente em aves, mamíferos e répteis. Segundo a visão do civilizado, o filho não pode, nem metaforicamente, matar a mãe. Em termos, por exemplo, da teoria psicanalítica, admitimos a idéia do parricídio, mas a figura da mãe é sempre salvaguardada pelo filho homem, o que, aliás, se reflete nitidamente nas três fases introduzidas na adaptação.

“Mas para castigo dos curumins, lá ficaram as índias no chão, de quatro, transformadas em onças”. (Pág. 17).

As mulheres, ao caírem, são transformadas nos mais diversos animais que vivem não apenas sobre a terra, mas também sobre as árvores (vide J 4) II), com ou sem cauda (vide J 4) IV), *menos em onças*. Estas são classificadas como “animais apropriados para vingar a morte de um Borôro” e não como “animais de carne”, exemplificados pelos macacos, antas, capivaras etc., que se originaram com o tombo das mulheres. As onças estão associadas aos funerais Borôro, cujos segredos são partilhados apenas pelos homens da aldeia; assim, a idéia de que as mulheres se teriam transformado em onças constitui o ponto mais falho do texto adaptado.

“E os curumins, *sem poder voltar* à terra, estão no céu até hoje transformados em estrelas, pisca-piscando eternamente. Bem do alto, para sempre, espiam a desgraça de suas pobres mães.” (Pág. 17). (*O grifo é meu*).

Os meninos Borôro não querem voltar à terra. Se na adaptação a subida representa um castigo, ao ver dos índios, estar no céu representa a recompensa de um longo processo de aprendizado de técnicas de caça e pesca, cerimônias, cantos e histórias. Desgraça seria um filho de mulher Borôro não alcançar o céu. Na socialização Borôro, os meninos são sistematicamente afastados das mulheres e treinados dentro da casa-dos-homens, que, linda com um céu piscando cheio de estrelas, é admirada de longe pelas mulheres. — No texto adaptado se omitem as relações de hostilidade entre o menino e as mulheres (Vide D), sem dúvida por causa do mundo educativo que se lhe quis imprimir. Na verdade, o menino chega a burlar as mulheres, entre elas sua mãe quando esconde as sementes de milho ou joga a piçarra na boca. Ao ver dos meninos Borôro, é possível enganar as mães, mas nunca os pais, que representam a coligação dos homens. Estes devem ser leais uns com os outros e à causa masculina, ética esta encontrada em sociedades tribais organizadas em comunidades politicamente autônomas, com formas de solidariedade que transcendem as da família nuclear. Podem então ocorrer tensões e surgir atitudes ambíguas nas relações entre parentes próximos. Também na cultura Borôro há o reconhecimento explícito de ambigüidades na vida social. No texto mítico, a mãe alimenta, mas também bate o seu filho. Já os representantes de nossa cultura tendem a não reconhecer a ambigüidade das relações mãe-filho, principalmente quando se trata de apresentar um texto de literatura infantil, sempre destinado a exaltar o que consideramos bom e positivo. Assim, a adaptação do mito ressaltou apenas as relações positivas mãe-filho, sendo que o desfecho um tanto “esquisito” da história (ao ver de meus filhos) decorre das “artes dos meninos” (“artes” = desrespeito, saída dos limites). Para os Borôro, tal desfecho é socialmente esperado e valorizado, pois o mito da Subida dos Moços retrata, entre outras coisas, um dos momentos do complexo cerimonial associado à iniciação masculina, um ápice de vivência humana engendrado não por medo e emoções infantis, mas por cuidadoso planejamento e por uma hábil estratégia desenvolvidos por um conselho de chefes de aldeia.

Resumindo as observações feitas acima sem levar em conta imprecisões propriamente etnográficas no texto adaptado e nas ilustrações, aliás muito bem feitas, notamos nele a presença de certos temas tais como “a indolência dos homens Borôro na aldeia”, “a hegemonia das mães sobre os filhos homens” (a ponto de se lhes outorgarem cestinhos), “a gula” e o “medo” dos meninos, associados à intimidação do beija-flor e à necessidade de um castigo justo para meninos tão arteiros — o de ficar no céu espiando a desgraça das mães. A ação do menino Borôro é explicada antes de tudo por *emoções individuais* decorrentes de um processo de socialização tipicamente civilizado, em que vigora a obediência da criança ao adulto de um ou outro sexo. Isto contrasta vivamente com a socialização indígena, em que se faz pouca questão da obediência cega, mas muita da criatividade e da responsabilidade das crianças, desde os primeiros anos de vida. No

sistema educativo a aprovação e o elogio prevalecem sobre o castigo, a violência física e a intimidação.

Do ponto de vista antropológico a adaptação do mito deveria realçar para nossas crianças: 1º) o contexto social e cultural da ação do menino (referencial este indispensável para que elas possam ao menos vislumbrar um mínimo de sentido na estória), pois, a nosso ver, é esta falta completa de contexto que torna monótono e desprovido de sentido o texto adaptado; 2º) a dinâmica específica de um processo de socialização não civilizado que representa justamente uma convergência possível de interesses entre crianças de culturas diversas. Toda criança sabe que qualquer outra, seja ela civilizada ou índia, deve aprender uma série de coisas antes de ser considerada madura pelos membros de sua sociedade. Ora, ao saber de como um indiozinho aprende a pescar, a caçar, a contar as histórias de seu povo e a comportar-se bem, o pequeno civilizado terá condições concretas de vislumbrar diferenças importantes na forma de vida do seu personagem associadas à identidade fundamental entre ambos — a sua condição de crianças.

É difícil, se não impossível, estimular esse reconhecimento de si mesmo dentro da diversidade por meio de mitos que não envolvam personagens infantis. Nesta perspectiva, a adaptação do mito aqui considerada teria a sua razão de ser. Como, no entanto, a criança não pode contextualizar a estória em termos de uma vivência concreta, ainda que diversa da sua, esta constitui uma colcha de retalhos costurados pelo absurdo.

Isto só pode contribuir para criar ou mesmo reforçar na mente infantil uma série de estereótipos do índio tão difundidos e arraigados na sociedade dos adultos de nossa civilização. Publicações deste tipo só contribuem para a exacerbação de tais estereótipos junto ao único público que efetivamente poderia ser moldado para uma visão esclarecida baseada no corpo de conhecimentos científicos e humanísticos tão distanciados da prática de vida social, em especial, de nossas instituições socializadoras.

SUGESTÕES

Em primeiro lugar, seria preferível que, em vez de “mitos”, fossem selecionados fatos etnográficos redigidos de maneira simples (como, por exemplo, no livro “Os Indiozinhos”, a nosso ver bastante satisfatório). Os mitos representam afinal cristalizações complexas de processos de comunicação metafórica e poética inacessível, não raro, até aos não especialistas *adultos* das próprias sociedades indígenas. Se, contudo, a opção for pelos “mitos”, estes devem ser adaptados não em termos de falsas teorias psicologizantes, mas limitar-se a mostrar a nossas crianças a viabilidade de ordens sociais humanas em que vigoram valores e condições diversos dos nossos. Dever-se-ia evitar a doutrinação do pequeno público por meio dessas adaptações, o que só pode ser alcançado mediante contos, mitos ou

estórias de nossa própria cultura. Os mitos indígenas têm função socializadora somente no seio das próprias sociedades tribais. Os textos adaptados ao nosso pequeno público limitar-se-iam a fornecer pequenos *insights* de condições e aspirações de vida que evidentemente causarão espanto e incredulidade ao pequeno leitor, estimulando-lhe perguntas que deveriam depois ser esclarecidas pelos educadores (que infelizmente em sua grande maioria não possuem nem os mais rudimentares conhecimentos antropológicos.)

COMO APLICAR ESTAS IDÉIAS AO MITO EM QUESTÃO?

Antes de mais nada, sugeriríamos que o mito seja adaptado em sua linguagem — que seja resumido sem enxertos errôneos tais como “esconder a avó e o papagaio numa caverna”, o que suscita falsas idéias a respeito da selvageria e do primitivismo (afinal não se trata de “homem das cavernas”?) de nossos índios. Não se justifica a presença desse detalhe e a exclusão de outros que compõem o corpo do texto original, como, por exemplo, “quando subiram ao céu, os que tinham irmãos menores levaram-nos em suas costas até o céu”, que ilustra muito bem a nova solidariedade social desenvolvida entre os meninos durante a sua iniciação.

Além disso, note-se que o mito pode inspirar não uma, mas diversas estórias ou descrições, já que representa uma combinação *sui-generis* de uma diversidade de temas. Uma dessas descrições *inspiradas* pelo mito da Subida dos Moços poderia ser mais ou menos a seguinte:

“Lá em Mato Grosso vivia um pequeno índio chamado Codocodo. Pertencia à tribo dos Borôro, que possui diversas aldeias. Cada aldeia é formada por um círculo de belas malocas rodeando uma grande cabana central (ilustração: a forma da aldeia). Codocodo gostava de passear pelos cerrados e florestas outrora cheios de animais — antas, cutias, onças, queixadas — e de plantas úteis. Andava pelas roças em que cresciam o milho, a mandioca o tabaco as palmeiras, e árvores frutíferas. Gostava também de olhar os rios e córregos cheios de belos peixes, tartarugas e outros animais aquáticos. Adorava brincar nos córregos quando o calor era muito forte (ilustração: animais, plantas, peixes).

Codocodo morava com sua família — seus pais, sua avó, seus tios, seus irmãos e seus primos — numa grande maloca coberta com folhas de palmeira. Dormia no chão sobre uma esteira bem perto de seus pais, rodeado de cachorrinhos, patos e galinhas, que vinham dormir com eles todas as noites (ilustração: grupo doméstico, relações com os animais).

Um dia, Codocodo deixou de receber milho de sua mãe. Ficou muito triste, porque adorava os deliciosos bolos que sua mãe costumava preparar nos dias de festa. Lembrou-se também da canjica fumegante que sempre levava às malocas de seus padrinhos e parentes a pedido de sua mãe (ilustração: distribuição de comida entre as malocas).

Na verdade, o nosso Bororinho, como qualquer criança, a partir daquele dia, foi obrigado a viver em uma espécie de escola-internato, que é justamente aquela cabana central que fica bem no meio da aldeia. Ela se chama "casa-dos-homens". Como o próprio nome indica, só é frequentada por homens e meninos, que vão dormir, estudar e trabalhar dentro dela. Aprendem a fabricar arcos, flechas, armadilhas. Estudam os costumes dos animais do molhado e do seco, da terra e do ar.

Já a irmãzinha de Codocodo não sai da maloca de seus pais. Ela aprende a fazer comida, potes de barro e cestas com as mulheres da sua casa, além de buscar água e lenha e cuidar dos irmãozinhos menores (ilustração: divisão sexual do trabalho).

Codocodo passou então a dormir, a trabalhar e a comer na casa-dos-homens a refeição mandada por sua mãe. Estranhou os primeiros dias, mas, pouco a pouco, foi se acostumando à sua nova vidinha. Aprendeu muitas coisas interessantes: as leis de sua sociedade, os ensinamentos religiosos, as histórias da tribo, os modos de cortar a carne de caça e o peixe. Para isto Codocodo não leu livros, nem cartilhas, pois os índios, para ensinar aos indiozinhos, não precisam da escrita. Guardam tudo na memória, pois aprendem tudo escutando com muita atenção (ilustração: os meninos escutando os mais velhos).

As leis e a religião dos índios Borôro não se encontram em documentos, em fóruns e igrejas como entre nós. Encontramo-las nos seus belos enfeites de penas de arara, gavião, japu e mutum, nas suas danças e nos seus cantos religiosos na praça da aldeia (ilustração: dança no *borôro*).

Quando Codocodo deixar a casa-dos-homens, coisa só permitida com o casamento, ele passará a viver na maloca da família de sua esposa, para quem deverá caçar, pescar e roçar tal como o fez seu pai." (ilustração: casamento: — residência uxorilocal).

A seleção de um certo número dados etnográficos dentre os sugeridos pelo mito pode variar segundo o critério adaptador. No caso presente, a escolha recaiu nos seguintes temas: forma da aldeia, ecologia, grupo doméstico e relações com animais, distribuição da comida entre as malocas e entre estas e a casa-dos-homens, a divisão sexual do trabalho, o processo de socialização, casamento e residência pós-matrimonial. Deixamos de lado vários outros, o cultivo do milho, a iniciação dos meninos nas relações com os espíritos que moram no céu, as transformações "seres humanos — animais", os cordéis na simbologia Borôro.

CONCLUSÃO

A nosso ver, esse tipo de adaptação — não do mito em si, mas de dados etnográficos que sugere — seria preferível ao do texto de "A Origem das Estrelas" ou de outros semelhantes, que nada deixam entrever dos in-

trincados meandros da criatividade simbólica de um tipo de pensamento que afinal de contas continua desafiando a argúcia de antropólogos, filósofos e humanistas, bem como a dos próprios indígenas.

NOTAS

1) Agradecemos à Srta. Aurora Martins Victorino, que aplicou questionários para avaliar o aproveitamento na leitura de publicações do MEC ("A Origem das Estrelas", "Os Indiozinhos") por parte de alunos de 3a. e 5a. séries do 1º grau em uma escola pública da Aclimação, na cidade de São Paulo.

2) Dividimos arbitrariamente o texto original em segmentos diferenciados por letras maiúsculas, minúsculas e números, visando a facilitar ao leitor a localização dos trechos comentados.

BIBLIOGRAFIA

Albisetti, C. e Venturelli, A. J.: *Enciclopédia Borôro*, vol. II. Museu Regional Dom Bosco, 1969.

Benedict, R.: "Continuidades e Descontinuidades no Condicionamento Cultural" in Kluckhohn, C. e Murray, H. A. (eds.), *Personalidade na Natureza, na Sociedade e na Cultura*, vol. 2. Livraria Itatiaia Editora Ltda., Belo Horizonte, 1965.